

METRITE EM VACAS LEITEIRAS: RELATO DE CASO

Franciely Valesca Ferreira Oliveira ^{1*}Luís Gustavo Fernandes Amaral ¹, Gustavo Grilo ²

¹Graduando em Medicina Veterinária – UNA – Bom Despacho/MG – Brasil – *Contato: francielyvalesca119@gmail.com

²Professor de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una Bom Despacho – Bom Despacho/MG – Brasil – *Contato: Gustavo.grilo@prof.una.br

INTRODUÇÃO

Existem diferentes patologias que podem afetar o sistema reprodutivo, dentre as quais podemos destacar as alterações uterinas onde uma das mais relevantes é a metrite é uma infecção uterina que pode se manifestar como doença clínica animal acometido também pode apresentar febre, o que a torna uma doença sistêmica reduzindo assim seu desempenho produtivo e reprodutivo em pouco tempo. Também apresenta inflamação em toda a parede uterina, infiltração de células de defesa e degeneração tecidual ⁹. A definição da infecção muda de acordo com a presença de sintomas clínicos e tempo pós-parto ⁸. A metrite clínica foi definida como inflamação uterina sem doença sistêmica após vinte dias após o parto. Um corrimento vaginal mucopurulento também pode estar presente ².

Os fatores de risco que aumentam a probabilidade de desenvolvimento da doença como nutrição, infecciosos, fatores de manejo, resposta imune, balanço energético negativo e idade dos animais ¹.

Assim o objetivo deste trabalho foi relatar o diagnóstico de metrite em 5 vacas holandesas.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Na rotina de estágio o médico veterinário supervisor de campo em um atendimento uma fazenda com 5 vacas holandesas que estavam em período de lactação apresentaram secreção de mucopuruleta a purulenta (Figura 2), a fazenda em questão faz utilização de sistema de criação intensivo em galpão fechado. No exame clínico 3 animais não apresentavam sinais sistêmicos ou ultrassonográficos, apenas secreção mucopurulenta, 2 animais apresentaram febre, com alterações ultrassonográficas com aumento discreto de parede e presença de líquido intraluminal (Figura 1).

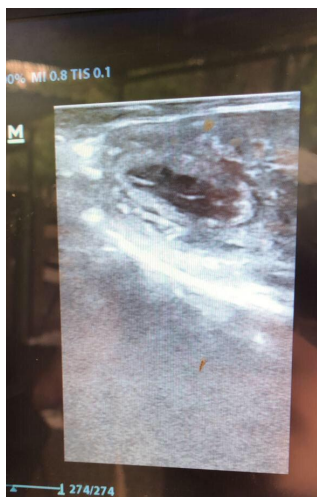


Figura 1. Ultrassonografia que evidenciou a metrite com espessamento conjunto do endométrio e miométrio, a parede do miométrio aparece mais ecogênica com maior coleção de líquido ecogênico intrauterino contendo partículas hiperecóticas

Fonte: Autor, 2022

A correlação dos sinais clínicos e a alta prevalência da doença em animais alojados no mesmo local com o mesmo manejo, levou ao diagnóstico de metrite infecciosa.



Figura 2. Secreção purulenta de um dos animais originada da vulva com alta secreção de pus

Fonte: Autor, 2022

O tratamento instaurado foi infusão uterina, utilizando Cefapirina base 500mg e administração endovenosa de Flunixin meglumine na dose de 2,2mg/kg durante três dias foi realizada orientação do manejo do ambiente também, não só como os padrões de limpeza, mas orientações quanto a desinfecção necessária no local daqueles animais.

Com uma semana do fim do tratamento, foi realizado retorno para avaliação dos 5 animais onde não foram encontradas mais anormalidades e os animais foram liberados.

A metrite aguda é caracterizada por um útero anormalmente aumentado e pela presença de secreção uterina fétida, aquosa, marrom-avermelhada, geralmente associada a sinais de doença sistêmica, como diminuição da produção de leite, inapetência, depressão e febre > 39,5°C ³.

O LPS (lipopolissacarídeo) no útero presente em infecções comuns de origem bacteriana no útero diminui a secreção de GnRH (Hormônio liberador de gonadotrofinas) pelo hipotálamo levando a diminuição ou redução da pulsatilidade do LH (Hormônio luteinizante), o que sugere que a doença uterina pode afetar diretamente a regulação endócrina hipotálamo-hipofisária do eixo reprodutivo ⁷. Os resultados da pesquisa também indicam que a maturação do ovócito na presença de LPS em concentrações comparáveis às encontradas no folículo comprometem a competência de desenvolvimento do ovócito, aumentando a falha na quebra da vesícula germinativa e causando formação anormal.

O exame do conteúdo da vagina para a presença de pus é um procedimento útil para o diagnóstico de infecção uterina, ultrassonografia também é altamente eficaz ⁴.

Tratamentos sistêmicos e locais com uso de antibióticos como cefapirina, ceftiofur, infusão uterina de amoxicilina mais oxitetraciclina e ainda terapias uterinas com óleos essenciais e ozonioterapia também podem ser utilizadas¹⁰. Algumas ações que funcionam como prevenção da doença uterina requerem manejo nutricional adequado durante o período de transição ⁶. As vacas devem ser secas no escore de condição corporal adequado, alimentadas com uma dieta de vaca pré-parto que fornece as fibras, lactações prolongadas como ferramenta de manejo para reduzir a frequência de partos, procurar gerar facilidade de parto através de seleção e sexagem de sêmen também reduz o risco de trauma e proliferação bacteriana ⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metrite é um dos pilares dos problemas das fazendas leiteiras e é responsável não só por atrasos na prenhez, mas como queda na produção de leite e gastos altos com tratamento e prevenção, sendo assim é de profunda importância a abordagem e compreensão desse tema. A ocorrência da enfermidade está ligada a fatores ambientais, nutricionais e imunológicos, onde o diagnóstico prévio impede a evolução para uma



X Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

doença sistêmica, a doença clínica sem acometimento sistêmico tem sinais específicos relacionados a secreção mucopurulenta de origem uterina, de fato é uma doença de grande relevância para as vacas, onde deve ser trabalhada a prevenção dos fatores ambientais e nutricionais para diminuir a ocorrência nos rebanhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Dubuc J. 2010. Definitions and diagnosis of postpartum endometritis in dairy cows. *J Dairy Sci.* 93:5225-5233.
2. Fiorentin EL. et al. 2018. Occurrence of subclinical metabolic disorders in dairy cows from western Santa Catarina state, Brazil. *Pesquisa Veterinária Brasileira.* 38(4):629-634.
3. Ghanem ME. 2015. Persistence of uterine bacterial infection, and its associations with endometritis and ovarian function in postpartum dairy cows. *J Reprod Dev.* 61(1):54-60
4. Horlock AD. 2020. Uterine infection alters the transcriptome of the bovine reproductive tract three months later. *Reproduction.* 160(1):93-107.
5. LeBlanc SJ. 2012. Interactions of metabolism, inflammation, and reproductive tract health in the postpartum period in dairy cattle. *Reprod Domest Anim.* 47(5):18-30.
6. Mounir A. 2017. Risk factors of clinical and subclinical endometritis in cattle: A review. *Turkish Journal of Veterinary and Animal Sciences.* 41: 1-11
7. Nascente EDP. et al. 2019. Potencial antimicrobiano do ozônio: aplicações e perspectivas em medicina veterinária: introdução. *Pubvet.* 13(9):2-3.
8. Neves RC. et al. 2018. Association of immediate postpartum plasma calcium concentration with early-lactation clinical diseases, culling, reproduction, and milk production in Holstein cows. *Journal of Dairy Science.* 101(1):547-555.
9. Priest NV. 2013. The responsiveness of subclinical endometritis to a nonsteroidal anti-inflammatory drug in pasture-grazed dairy cows. *J Dairy Sci.* 96(7):4323-32.
10. Suganthi, R. U., and S. Manpal. 2013. Biological and pharmacological of factions carvacrol and its effects on poultry: an updated review. *World J. Pharmacy and Pharmaceutical Sci.* 5:3581-3595